

Paulinho da Viola  
resgata sambas  
pouco tocados

PÁGINA 3



É tempo de  
celebrar  
Sergio Fonta!

PÁGINA 6



O Natal está  
chegando? Vamos  
de panetone?

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Pablo Bernardo/Divulgação

A estadunidense Alissa Sanders e o mineiro Sérgio Pererê resgatam cantos ancestrais que inspiraram a música que hoje se faz nos EUA e no Brasil

# Vozes da diáspora negra nas Américas

Espetáculo  
'Vissungos e  
Spirituals' mostra  
a conexão entre os  
cantos de africanos  
escravizados no Brasil  
e nos Estados Unidos

As raízes tanto da música brasileira quanto da música norte-americana estão nos cantos de pessoas negras escravizadas que entoaram canções como forma de preservar suas culturas e como potentes mecanismos de sobrevivência e resistência. Inspirados por essa origem musical comum ao Brasil e aos Estados Unidos, Sérgio Pererê e Alissa Sanders conceberam o projeto "Vissungos e

Spirituals: Vozes Ancestrais Negras das Américas", atração do Centro Cultural Banco do Brasil neste fim de semana.

"Vozes Ancestrais" dá nome ao show que celebra um encontro entre os cantos do Vissungo (cantigas em língua africana ouvidas outrora nos serviços de mineração e ainda hoje presentes em diversas situações da vida cotidiana dos habitantes de alguns povoados de Minas Gerais) e dos Reinados de Minas (manifestações culturais e religiosas que celebram a devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia e que também relembram tradições da religiosidade africana), que marcam a trajetória artística e pessoal do cantor e multiartista mineiro Sérgio Pererê, com os spirituals, cantos de trabalho e folclóricos presentes na história dos escravizados negros norte-americanos.

Em ambos os casos, as músicas ecoadas pelos ancestrais de Alissa e Pererê, seja no ciclo do ouro de Minas Gerais ou nas lavouras americanas, carregam um peso afetivo em comum. "Os cantos do vissungo e dos spirituals são o jeito de viver africano. A partir da filosofia Bantu, existe uma herança africana que diz: 'para tudo se canta'. Não é apenas para trabalhar que se canta, se canta para comer, para dormir, para agradecer, para xingar. Para tudo", explica Pererê.

Ao mesmo tempo, as músicas também estão repletas de códigos de sobrevivência, usados como estratégia de fuga e proteção do povo negro. "Os negros e negras escravizados foram obrigados a aprender a Bíblia. E tiraram das histórias do povo israelita muitas coincidências com as suas histórias. Há cantos sobre a abertura do Mar Vermelho por Moisés, que é uma referência para fugir. Há canções que mencionam um lugar seguro com luz na janela, e era um código que indicava que essas casas abrigavam pessoas em fuga", revela Alissa.

Continua na página seguinte



O repertório apresentado por Alicia e Sérgio se desdobra em uma confluência de gêneros que inclui o blues, a congada, o folk, o samba, o catopê, o pop, o jazz e o ring shout, gênero nascido no Sul dos EUA

# Espectáculo conversa com estilos e tradições do mundo todo

**N**os shows, Sérgio Pererê e Alissa Sanders recuperam músicas em português e inglês, inspiradas pelos visungos e pelos spirituals, além de outros cantos negros tradicionais. O repertório se desdobra em uma confluência de gêneros que inclui o blues, a congada, o folk, o samba, o catopê, o pop, o jazz e o ring shout, gênero nascido na região Gullah, no Sul dos Estados Unidos, a partir de rituais religiosos marcados pelos gritos, batidas de palma e dança em roda.

A sonoridade do show mistura os clássicos tambores de Pererê, incluindo também o instrumento melódico mbira, junto ao banjo americano, à percussão corporal e aos efeitos eletrônicos de looper sintetizados por Alissa Sanders. A banda é complementada pelo mineiro Acauã Rane (violão e baixo) e pelo baiano Bruno Aranha (piano). Na temporada do Rio de Janeiro, as apresentações terão as participações dos cariocas Jonathan Ferr (piano e voz) neste sábado (7) e Elias Rosa (percussão) neste domingo (8).

“Vozes Ancestrais” ainda abre espaço para músicas autorais e frescas dos artistas, como canções compostas por Sanders durante sua recente viagem para Mali e Senegal, na África, e a exemplo do cancionista de Pererê que resgata cantos dos Reinados de Minas, assim como fazem as músicas do recente disco “Velhos de Coroa” (2023).

“Sinto que esse espetáculo conversa com vários estilos e tradições do mundo todo. Para quem for assistir, será muito intrigante porque eu diria que nenhuma das músicas é só brasileira, americana ou africana. São todas muito misturadas. É um toque de gospel dentro do samba e junto dos tambores”, avalia Sanders.

“Será interessante mostrar para as pessoas que, quando a gente pensa em música popular, no mundo todo, no sentido comercial de tocar no rádio, quase toda a música vem dessas raízes. O rock, o blues, o samba, o choro, a música pop, tudo vai passar por essa conhecida célula de batidas de palmas e pés

marcada nos cantos de pessoas pretas que foram escravizadas”, complementa Pererê.

Além dos shows, os artistas também vão oferecer ao público carioca duas oficinas relacionadas

aos cantos. Comandada por Sérgio Pererê, a oficina “Labidumba” propõe um passeio pelo universo vocal de culturas tradicionais do Brasil e do mundo, explorando as possibilidades dos cantos disfô-

nicos e polifônicos. O encontro acontece no dia 05.12 (quinta), às 17h, no CCBB-RJ, e é aberto para todos, desde crianças a partir de 8 anos, até contadores de histórias, cantores, arte-educadores e demais

público interessado.

Na outra oficina, “Cantando as raízes da música negra americana”, Alissa Sanders explora os gêneros da música norte-americana executados no show. Baseada nos métodos pedagógicos do músico estadunidense Bobby McFerrin, a atividade convida os participantes a se conectarem em uma experiência de canto coletiva, aberta a todos a partir de 12 anos. Durante a oficina, a artista também contará a história por trás de algumas músicas que serão trabalhadas. A atividade acontece no sábado, às 11h.

## SERVIÇO

VISSUNGOS E SPIRITUALS:  
VOZES ANCESTRAIS NEGRAS  
DAS AMÉRICAS

Centro Cultural Banco do  
Brasil (Rua Primeiro de Março,  
66 – 4º andar)

De 6 a 8/12, sexta (19h), sábado  
(17h) e domingo (18h)

Grátis, com retirada de bilhetes  
no site do CCBB-RJ ou a partir  
das 9h na bilheteria no dia de  
cada evento

# Como é bom rever Paulinho da Viola!

Lenda viva do samba apresenta neste sábado no Vivo Rio o show 'Quando o Samba Chama'

**N**ão dá para começar o texto sem repetir a frase do título: como é bom rever Paulinho da Viola! E não há nada mais emblemático na semana em que se celebra o Dia Nacional do Samba saber que o genial cantor e compositor, uma lenda viva do gênero, se apresenta na cidade com seu show "Quando o Samba Chama". Restam poucos ingressos para o espetáculo deste sábado (7), a partir das 21h, no palco do Vivo Rio.

Neste novo show, Paulinho nos brinda com sambas



Divulgação

**Paulinho vai lembrar sambas pouco tocados em seus shows**

que não toca nos palcos há algum tempo, ao lado de grandes sucessos que não podem faltar sob a pena daquele coro de "ahhh!" como "Foi Um Rio Que Passou em Minha Vida" (a mais bela das odes à Portela), "Argumento", "Onde a Dor Não Tem Razão" e "Pecado Capital", entre outros. O show, como o nome diz, é um chamado para celebrar a luz que o poeta reparte tanto com o público que o acompanha há muito tempo, quanto com aqueles que a cada dia descobrem em Paulinho da Viola um novo mar de poesia e música.

Na poesia de Paulinho da Viola, o mar surge como símbolo de grandeza, mistério, destino e imaginação. Canções como "Mar Grande", "Cidade Submersa", "Timoneiro" e "Pra Jogar no Oceano" encontram na força da água um simbolismo para muitas questões do amor e do destino.

Uma outra metáfora menos conhecida na poesia de Paulinho é a da chama. Não é o mesmo que o fogo, que arde e representa a paixão, o impulso e o desejo. A chama é o que permanece vivo por um longo tempo, é o que não se extingue ainda que muitos pensam que não está mais lá. A chama é perene, ao contrário do fogo que queima abruptamente.

## SERVIÇO

PAULINHO DA VIOLA - QUANDO O SAMBA CHAMA  
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 8/12, às 21h | Ingressos a partir de R\$ 80 (meia) | R\$ 160 (inteira)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Jobiniando

Depois de apresentações consagradas em Portugal e no Reino Unido, o espetáculo "Um Tom Sobre Jobim" chega ao Rio. Trata-se do encontro da estadunidense Stacey Kent, aclamada cantora de jazz, com o cantor e compositor Danilo Caymmi, herdeiro de uma das mais importantes famílias da música brasileira, reconhecido como um dos principais intérpretes de Antônio Carlos Jobim. Domingo (8), às 20, no Vivo Rio.

Dantas Jr/Divulgação



### O multi-Leo

Leo Jaime sobe ao palco do Qualistage nesta sexta-feira (6) para comandar uma festa-baile que tem como pretexto celebrar 40 anos de uma carreira múltipla. No repertório, sucessos como "A Vida não Presta", "Rock Estrela", "Gatinha Manhosa", "A Fórmula do Amor" e muitos outros. Participações especiais de Kiko Zambianchi e de João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, sua primeira banda.

Divulgação



### Grand finale

Ferramenta para alavancar novos talentos da música de concerto, a camerata Os Onze faz nesta sexta (6), na Cidade das Artes, o encerramento da temporada 2024. Sob a direção artística da pianista Simone Leitão e direção musical do renomado violinista e maestro Daniel Guedes, a apresentação traz obras icônicas do repertório barroco, incluindo composições de Corelli, Handel, Rameau e Bach. Preços populares: R\$ 15.

Divulgação



### Disco pra lembrar

Um dos discos mais importantes da carreira do Dead Fish, "Zero e Um", completa 20 anos com festa no Circo Voador nesta sexta (6). Para celebrar, a banda formada por Rodrigo Lima, Marcão Melloni, Igor Moderno e Ricardo Mastria vai tocar o disco na íntegra, para delírio de seu público fiel, com destaque para os hits "Queda Livre", "Você" e "Bem-vindo ao Clube". Rancore abre a noite com seu hardcore.

# Um músico do mundo em palcos brasileiros

Radicado nos EUA, o saxofonista russo Igor Butman é tido como referência na cena jazzística internacional

**P**ela primeira vez, as noites paulista e carioca vão receber a maior estrela russa do jazz internacional: o saxofonista Igor Butman, que se apresenta com a Moscow Jazz Orchestra e a cantora Fantine neste domingo, no Teatro Prio. O trilha pelos maiores sucessos da carreira do artista em seus mais de 10 álbuns, além de lembrar suas parceiras com algumas das referências do swing e do blues internacional como Chick

Corea, Jack DeJohnette, John Patitucci e Randy Brecker.

Tido como o saxofonista favorito de Bill Clinton, Butman é considerado mais que um maestro virtuoso. De olho na carreira internacional, o artista migrou para os Estados Unidos e consolidou seu nome na cena do Jazz, tocando ao lado de grandes mestres. Desde então, o músico se considera um cidadão do mundo, contribuindo como embaixador para o florescimento cultural e artístico de dife-



Divulgação

Igor Butman tocou com gigantes do jazz

rentes regiões, por meio da integração de diversos gêneros e nomes do universo da música. Por seus esforços, recebeu duas distinções: o Prêmio Fundação de Cooperação Cultural Americano-Russa e reconhecimento do Instituto de Diálo-

go Sustentável.

Além do renome musical e a vocação como agente multicultural, Butman também tem atuado como produtor de festivais internacionais e diretor de importantes instituições. Nos últimos anos, foi

responsável por idealizar e organizar doze eventos de Jazz contemporâneo em Moscou e São Petersburgo. Neste último, ele também atuou como co-diretor artístico com Herbie Hancock no Dia Internacional do Jazz. Ele também é dono do Igor Butman Jazz Club, na capital russa, estabelecimento voltado à promoção da música.

Por sua trajetória e vida obstinada pela música e trocas culturais entre nações, em 2011 Butman recebeu o título de Artista do Povo da Rússia, honraria concedida para indivíduos que atingiram realizações notáveis no campo das artes. Mas não é só na Rússia que o trabalho do saxofonista é celebrado. Ao redor do globo, músicos, críticos e personalidades internacionais admiram a obra do russo e sua grande qualidade de transpor fronteiras e conectar mundos.

## SERVIÇO

IGOR BUTMAN & MOSCOW JAZZ ORCHESTRA  
Teatro Prio (Jockey Club Brasileiro - Avenida Bartolomeu Mitre, 1110, Lagoa) | 8/12, às 19h | R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

## CRÍTICA / DISCO / PERFIL

# Eterno independente... até quando?

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos de “Perfil” (<https://encr.pw/o6yeM>), o novo álbum independente de Sidney Mattos. Logo de cara, veio-me a certeza que tenho, desde sempre, sobre este compositor egresso do Movimento Artístico Universitário (MAU), integrado por grandes nomes da música brasileira: Ivan Lins, Gonzaguinha e Aldir Blanc, dentre outros. Mattos é craque da composição! E não só: é um batalhador dos bons combates, seja pela música e seus direitos, seja pela defesa da Democracia.

Em 2016, comentei o seu álbum “Eu Sou Assim” no texto “Independente! Mas dependente de quem o ouça”. Sobre ele escrevi: “Talvez você nunca tenha ouvido falar de Sidney Mattos, leitor. Pior: talvez você nunca ve-

nha a escutá-lo – assim é o mercado da música brasileira atual. Essa é a batalha de centenas de bons músicos que tentam chegar aos ouvidos de quem poderia lhes dar a devida consideração”.

Permitam-me um aparte. A minha indignação ao ouvir e escrever sobre cada álbum de Mattos que me chegou à mão nos últimos anos, todos da mais alta qualidade, tem a mesma medida da repulsa a outro fato inequívoco: há um contingente de grandes músicos que segue invisível aos olhos do grande público. Movido muitas vezes por motivos inconfessáveis, o mercado costuma “ignorar” o nome de veteranos e jo-



Divulgação

vens valores, submetendo-os a um gueto perverso. Privando o público de perceber que há, sim, algo novo, e bom, acontecendo na música brasileira, hoje e sempre!

Mattos é um músico atilado. Isso é ouvido com clareza em Perfil, álbum que gravou com o pia-

nista João Carlos Coutinho. Os dois passam ao ouvinte a sensação de estarem convictos da qualidade musical do trabalho que criaram... emociona a dignidade com que se dão à música.

Mas vamos a “Perfil”: com diversos parceiros, Mattos compôs 12 músicas, as quais gravou com rara sensibilidade ao lado de João Coutinho. Cada arranjo leva uma surpresa, seja pelas melodias envolvidas em harmonias modernas, seja pelas letras musicadas em gêneros díspares – quer venham embaladas pelo piano ou pela sanfona e pelo teclado de Coutinho. Além da voz e dos efeitos de Mattos, soma-

dos aqui e ali à flauta de Fernando Trocado, à voz e ao assovio de Vitor Barros e ao baixo de Flávio Pereira, tudo soa com sabor de bem-vinda atualidade.

Finda a audição, fica a sensação de que os três, mais João Coutinho, compartilharam com Mattos os seus ofícios e, a partir deles, o “eterno” independente Sidney Mattos multiplicou sua música com profundidade e síntese. Admiro Mattos por vê-lo ativo, amor-próprio à flor da pele, junto a músicos que, como ele, buscam denodadamente se fazer ouvir. E vale a pena, viu? “Perfil” é um trabalho que deveria ser levado às crianças em escolas, que o ouviriam como um recado de como criar, na dificuldade, a oportunidade de reagir e, crendo em si, levantar a cabeça e dizer: eu posso!

\*Vocalista do MPB4 e escritor



**NATAL**  
Sesc

**Vem viver  
mais  
magia**

**De 9/nov  
a 6/jan**  
**Shows, orquestras,  
decoração de Natal  
e atrações para  
toda a família.**

Confira a  
programação  
completa em:



Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“É uma função que desempenho com respeito por todos os participantes. São dois primeiros mandamentos, se é que se pode falar assim, para presidir o júri aqui em Angra: amar o teatro e amar a Fita. Eu amo os dois”, afirma o carioca Sergio Fonta, dramaturgo, jornalista, ator e diretor. E quando resume o seu papel como presidente do júri do Festival Internacional de Teatro de Angra, expressa a sua missão de vida: amar e fazer tudo e mais um pouco pelo teatro.

Sergio formou-se em Comunicação na PUC-Rio, onde fez parte do Teatro Experimental que revelou, entre outros, Regina Casé e Gilda Guilhon. Tem livros publicados e editados, entre eles “Sangue Central”, “Passageiros da Estrela”, “O Peixe que Virou Artista”, todos pela Ed. José Olympio, além dos volumes “Rubens Corrêa - Um Salto Para Dentro da Luz” (Ed. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), indicado para o Prêmio APTR 2011 na Categoria Especial; e “O Esplendor da Comédia” e o esboço das ideias: dramaturgia brasileira dos anos 1910 a 1930 (Ed. Funarte, 2012).

Como ator trabalhou em inúmeras novelas de Janete Clair, Marcílio Moraes e Walcyr Carrasco e em mais de 40 espetáculos obras de Honoré de Balzac, William Shakespeare, Jean-Paul Sartre e Nelson Rodrigues. Dirigiu inúmeras peças e leituras públicas, ganhando o Prêmio Marco Polo, como Melhor Diretor.

Sergio continua com a alma, a força e a coragem de adolescente. Há quinze anos, dirige e apresenta, na Rádio Roquete Pinto, o programa Tribo de Teatro, no qual, além de falar de hoje, faz biografias primorosas dos nossos deuses do teatro.

E parabéns duplo, pois nesta sexta-feira (6) é aniversário deste perfeito sagitariano. Regido pelo planeta Júpiter, Sagitário tem a perfeita sensação de que todas as coisas fazem sentido, e que mesmo os acontecimentos mais absurdos de alguma forma revelam experiências e aprendizados. Desta forma, a vida é vivida como se fosse uma grande aventura, com grandes mistérios a explorar em cada esquina. Nascido no signo regido pelo rei dos deuses, dedica sua vida a nos revelar o melhor dos deuses.

É o Sergio Fonta, presidente da Academia Carioca de Letras, na qual junta todos os caminhos, que nos fala do seu programa:

“Nesses quinze anos, o programa só me deu alegrias. Enfim, realizamos perto de 500 entrevistas com performance, de novo, com



Sergio Fonta e os colegas de júri do Festival Internacional de Teatro de Angra dos Reis

# Sergio Fonta, um santo guerreiro

Dramaturgo, ator, diretor e jornalista carioca tem uma vida dedicada às artes cênicas



Sergio Fonta e o grande Othon Bastos nos estúdios da Roquette Pinto FM

profissionais de todos os segmentos, atores, atrizes, diretores, músicos, cenógrafos, figurinistas, enfim, gestores, críticos, todo mundo tinha espaço nessa minha proposta. E, por exemplo, mais de 150 atores e atrizes, como Marco Nanini, Ari Fontoura, Lázaro Ramos, Fábio Porchat Marcos Caruso e as grandes mulheres do nosso palco, como Fernanda Montenegro, Renata Sorrah, Marieta Severo, Irene Ravache e Nathalia Timberg... Mais também de 100 diretores, entre eles, Bia Lessa, Gabriel Vilela, Moacir Chaves e João Fonseca. E grupos, como o Galpão, Companhia dos AD e Atores de Laura, e também os que partiram, Sérgio Brito, Marília Pêra, Nicete, Bruno, Aderbal Freire Filho, Eva Vilma, Pedro Paulo Rangel, uma infinidade de queridos e queridas que partiram”, orgulha-se.

“E também divulgamos mais de 400 livros, e divulgando também todo o movimento teatral, como fazemos até hoje. Mui-

tos editoriais e artigos também discutindo questões fundamentais do nosso teatro pontuais. Isso, a gente não em formato de editorial atualmente, mas sempre que alguma questão pertinente ao teatro e candente uma demanda de discussão, nós colocamos entre as notas do programa sem dúvida nenhuma”, continua.

Nesses anos todos, também a Tribo do teatro teve manifestações fantásticas de ouvintes dos mais variados destinos e regiões. “O programa o rádio chega longe. Eu me lembro de uma particularmente, acho que o programa estava pelo terceiro ano, em que um ouvinte me escreveu dizendo que, pedindo, reivindicando, que as companhias e produções teatrais realizassem sessões mais cedo, que não fossem sete da noite, oito da noite ou muito menos nove da noite, para que pessoas da periferia pudessem assistir às sessões. Ele me disse na carta, uma carta, que eu li no ar, inclusive, que ele, quando vi alguma sessão mais tarde. Quando voltava, tentava voltar para casa, quase não tinha, mandou um zap, dizendo que a Tribo do teatro era um ponto de luz na vida dele, porque não teria como vir ao Rio de Janeiro. Então, ouvia as notícias que eu dava e imaginava o que era. Isso me emociona sempre. O que era o teatro, no Rio de Janeiro. As estreias, os lançamentos, isso tocava fundo a ele. Nesse cantinho do cantinho de Minas Gerais. Então, atribuo só me deixa. Mais impelido, desafiado a continuar. É uma alegria estar no ar”, recorda.

Nós, do Correio que já tivemos a colaboração do Sergio entre 2019 e 2022, também desejamos vida longuíssima e que todas as quintas, às 18h, na Roquete-FM você e os deuses nos dêem a mesma felicidade que eles sentiam tomando hidromel com ambrosia.

## CRÍTICA / TEATRO / A VIDA PASSOU POR AQUI

# O que o afeto da amizade une...

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

As emoções em todas as suas formas pode ser um instante na alegria de ser ver um bebê tentando caminhar; o ódio quando um motociclista atravessa o sinal da contramão; a risada espontânea ao se ver um filme. Mas o melhor da vida é quando se tem uma relação duradoura, um afeto profundo, um companheirismo de se estar ao lado do outro é isso se absolutamente. Falamos daqui da amizade, de uma relação que nem sabemos definir, algo tão profundo, alegre, compensatório.

É dessa situação rara, mas a melhor



Divulgação

## 'A Vida Passou Por Aqui', uma elegia sobre a amizade

que se pode ter que trata a premiada "A Vida Passou por Aqui", de Claudia Mauro. Estão no palco Cláudia (Silvia) e Édio Nunes (Floriano), um autor visceral, intenso, capaz de fazer desde um infantil musical a uma densidade dramática como Ismael Silva em "Professor do Samba".

Os personagens, por si só, já são ar-

quétipos da condição humana: Silvia é professora, casada, vida mais ou menos; Floriano é dos serviços gerais, mora na trabalho. Ela esconde as suas angústias para baixo do tapete e Edio explode em busca daquilo que é capaz: escrever.

Contada em flashback, a estrutura é como ver um desfile de escola de samba:

you senta, anima-se, dança, entendia-se, levanta, canta, bate o pé, emociona-se e se integra quanto quiser. Apenas dois personagens em cena: um homem, uma mulher, duas classes sociais, dois talentos, duas formas de encarar o mundo. Eros e Thanatos, vida e morte, sucesso e fracasso; crises e superação aparecem como tema em cada episódio.

O texto tem uma densidade absoluta, com a segura direção de Alice Borges, vai num crescendo a cada cena com as atuações primorosas de Cláudia e Édio. Para quem gosta de teatro, alegria, belas histórias, A Vida passou por aqui é um dos raros encontros da história do teatro brasileiro: um texto emocionante, dois trabalhos impecáveis e saímos cantando, batendo palminhas pensando nada é pequeno quando a vida vale a pena.

### SERVIÇO

#### A VIDA PASSOU POR AQUI

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - São Conrado)

Até 11/1, aos sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Reencontro de irmãs

A comédia "Duas Irmãs & Um Casamento", com Maitê Proença e Debora Olivieri, direção de Ernesto Piccolo, está em cartaz no Teatro Claro Mais RJ até o dia 22 (sextas e sábados, às 17h). Inédita no Brasil, a peça do renomado dramaturgo inglês Peter Quilter traz uma história emocionante e divertida sobre a complexidade dos laços familiares, sororidade, etarismo, autoestima, desejos e amor. O público acompanha o reencontro das irmãs Catarina e Rosa que se reúnem numa casa de campo para organizar um casamento.

Douglas Jaco?/Divulgação



Marcelo Costa Braga/Divulgação



### O palco acolhe

O projeto FormAção Ação da Cidadania e Shell transformou seu espaço na Gamboa em centro de acolhimento e inclusão, tendo a arte como ferramenta de pertencimento e profissionalização. Mais de 200 alunos em vulnerabilidade social recriaram suas próprias histórias ao longo do ano e cada etapa desse processo no espetáculo "Abrigo", com a premiada diretora Duda Maia à frente do trabalho. As sessões gratuitas acontecem nos dias 9, 10 e 11 no espaço Ação da Cidadania/Teatro Betinho, às 19h. <https://www.acaodacidadania.org.br/abrigo>

Fernanda de Paula/Divulgação



### Vivências em cena

Indicado ao Prêmio Shell, "Tudo é Minúsculo, Tudo é Presença" é o espetáculo concebido por João Vicente Estrada, Lana Sultani e Ricardo Loureiro. Em experiência poética realizada a partir das percepções do artista João Vicente, diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica, o ator está deitado numa cama e, em sua realidade, move todo o universo em seu quarto com equipamentos hospitalares. As apresentações, em Santa Teresa, tornam obrigatório o uso de máscara e a higienização das mãos. São poucas vagas. Inscrições: @lanasultani

**SHOW****TREM DO SAMBA**

\*No encerramento da semana em que se celebra o Dia Nacional do Samba, o trem do samba zarpa da Central do Brasil até a estação de Oswaldo Cruz, berço da Portela, refazendo as históricas viagens de Paulo da Portela, o fundador da escola azul e branca, com muita ginga e alegria nos vagões. Partida às 9h. Grátis

**FÁBIO JR**

\*Para celebrar seus 70 anos, o cantor, compositor e ator lança sua nova turnê "Bem Mais Que os Meus 20 e Poucos Anos", reunindo seus maiores sucessos. Sáb (7), às 21h. Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). De R\$ 110 a R\$ 580

**THE FEVERS**

\*A longeva banda nascida na Jovem Guarda apresenta o show "Do Vinil ao Digital", reunindo clássicos de seu repertório. Sex (6), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 50 e R\$ 120

**VERSOS E VERSÕES**

\*O espetáculo de Edu Krieger e Natalia Voss apresenta impagáveis paródias que tratam de absolutamente tudo. Sáb (7), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 50 e R\$ 120

**ZÉLIA DUNCAN**

\*Acompanhada por banda, a cantora e compositora apresenta show com músicas de todas as fases de sua vitoriosa carreira, entre autorais e canções de seu repertório afetivo. Sex (6), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

**PAULO RICARDO**

\*Depois de percorrer o Brasil e vários teatros e casas de espetáculos, o cantor e compositor apresenta o segundo volume de sua turnê Paulo Ricardo - Voz, Violão & Rock'n'Roll. Sáb (7), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

**ROSÁRIO NICOLACCI**

\*A cantora sobe ao palco com o show "Forever Young", cujo repertório transita entre folk, country, rock e blues. Dom (8), às 18h. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60



Trem do Samba

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Jennifre Glass/Divulgação



Esperando Godot

**TEATRO****TOM JOBIM MUSICAL**

\*Musical dedicado à vida e obra de um dos mais importantes compositores brasileiros (e do mundo) de todos os tempos, o nosso maestro soberano Antônio Carlos Brasileiro Jobim. Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290). Até 15/12, qui e sex (20h), sáb e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 (meia balcão) e R\$ 320 (plateia VIP)

**ESPERANDO GODOT**

\*O clássico de Samuel Beckett ganha releitura com o DNA do saudoso Zé Celso Martinez Corrêa. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Até 8/12, qui e sex (19h) e sáb e dom (17h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Divulgação



Fábio Jr

Divulgação



Ideias para Adiar o Fim do Mundo

Robert S/Divulgação



Rota do Chá

Antonio Augusto Fontes



Assim é se Lhe Parece

Divulgação

### IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

\*O ideário do líder indígena, pensador e ambientalista Ailton Krenak inspira monólogo com Yumo Apurinã, diretor artístico e protagonista do espetáculo. Até 22/12, qui a dom (20h). Futuro - Artes e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo). Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

### UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE

\*Neste monólogo a atriz e dramaturga Helena Varvaki reúne vivências suas e de mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Nathalia Voss e Edu Krieger

## EXPOSIÇÃO

### FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

\*Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas de várias regiões do país que oferecem ao público um panorama do que era o Brasil na década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

### DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

\*O artista plástico campesita Edmilson Nunes apresenta trabalhos de sua produção mais recente. Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

### ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

\*Exposição conta a história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até 22/xx, quinta a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

### ASSIM É SE LHE PARECE

\*Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o mestre Antonio Augusto Fontes apresenta 60 trabalhos de sua vasta produção. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

### CORTE E CONSTRUÇÃO

\*Após hiato de dois anos sem expor no país, o artista plástico tcheco Jan Kaláb retorna ao Rio com mais de 20 obras inéditas. Até 14/12, ter a sex (13h às 19h) e sáb (13h às 17h). Galeria Movimento (Rua dos Oitis, 15 - Gávea). Grátis

### SISSON, 200 ANOS

\*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Sisson. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219). Grátis

## INFANTIL

### QUADRO A QUADRO

\*A partir de elementos visuais inspirados em quadrinhos e nas obras da exposição "Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil", o visitante é convidado a montar uma grande página de história em quadrinho de maneira coletiva. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A** pesar de Alemanha ter escolhido um filme iraniano (“The Seed Of The Sacred Fig”, do qual foi coprodutora) como seu representante oficial ao Oscar 2025, ela atravessou 2024 emplacando sua prata da casa nos grandes festivais internacionais e em circuito, como “Stella. One Life”, “Cuckoo”, “De Hilde, Com Amor” e “A Arte do Caos”. A diversidade de gêneros, da comédia ao thriller, foi grande, atestando a atual saúde criativa da indústria audiovisual germânica.

De tudo o que se viu de lá, de janeiro até agora, o título que melhor traduz o atual estado de coisas da sociedade alemã é “Dying – A Última Sinfonia” (“Sterben”), que estreia no Brasil neste fim de semana cercado de elogios. Ligações e mensagens de whatsapp contínuas mobilizam o celular de seu realizador, Matthias Glasner, desde fevereiro, quando seu estonteante longa-metragem foi exibido na disputa pelo Urso de Ouro de 2024, da qual saiu com o prêmio de Melhor Roteiro.

A procura por ele – até de colegas cineastas com quem nunca tivera contato antes – aumentou depois que ele foi agraciado com a láurea do Sindicato de Exibidores de Filmes de Arte da Alemanha e o Prêmio de Júri Popular dos leitores do “Berliner Morgenpost”. Aos 59 anos, o diretor egresso de Hamburgo passou a ser encarado como “A” promessa de uma indústria consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vozes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Rainer Werner Fassbinder e Werner Herzog. Dos anos 2000 para cá, Maren Ade (“Toni Erdmann”), Christian Petzold (“Undine”) e Fatih Akin (“O Bar Luva Dourada”) se juntaram a esses medalhões, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de “A Fita Branca”) e Ulrich Seidl (“Paradise: Faith”) como expoentes.

Desde a consagração em Berlim, ele anda reticente com a badalação. “Tenho visto excelentes filmes alemães dirigidos por mulheres, mas não vejo tudo o que lançamos. Não tenho amigos cineastas e não sou muito ligado ao que meus conterrâneos filmam, mas não é uma questão de desrespeito. Primeiro de tudo: eu tenho filhos. Meu tempo é deles. Depois, ando bem mais instigado por experiências fílmicas de outros territórios, como é o caso do cinema japonês. Um outro exemplo é ‘Parasita’, um filme da Coreia do Sul com muitas camadas”, disse Glasner ao Correio da Manhã, após a projeção das três horas e três minutos de sua comédia dramática.

Em “Dying”, “Sterben” é o nome de uma



Lars Eidinger é um maestro que administra as crises de sua turbulenta família em ‘Dying’

# Melodia da inquietude germânica

Premiado no Festival de Berlim, ‘Dying’ chega ao Brasil consagrando seu diretor Matthias Glasner como uma das vozes mais potentes do cinema alemão contemporâneo

peça sinfônica que o maestro Tom Lunies (Lars Eidinger, em devastadora atuação) está ensaiando a partir de uma composição feita por seu melhor amigo, músico Bernard (Robert Gwisdek), acometido de profunda depressão. Sua vida anda maluca, não apenas com seus amores (entre eles sua namorada cheia de desejo, e bem mais jovem), mas também com a ex-mulher, que acaba de ter um filho. Todos acreditam que o regente não é o pai da criança, mas ele a registra apesar de tudo. O chamado da paternidade acontece num momento de loucura em sua família. Sua mãe, a septuagenária Lissy (Corinna

Harfouch), parece ficar feliz quando vê seu marido, Gerd (Hans-Uwe Bauer), definhando no hospital, num processo de demência. A sensação de liberdade que ela tem ao “se livrar” dele termina quando ela passa a ser acometida, subitamente, por uma série de problemas: diabetes, insuficiência renal, perda de visão. Um diagnóstico de câncer vem coroar seus infortúnios. Nesse momento de calvário de Lissy, sua filha, Ellen (Lilith Stangenberg), engata um caso com um dentista casado com quem partilha a paixão pelo álcool e pela embriaguez. Nessa ciranda nefasta, essas pessoas terão de reaprender a se amar.

“Eu fiz um filme sobre a solidão, com base na rotina de pessoas que se sentem desconfortáveis com várias questões pessoais. Eu mesmo sinto desconforto com o processo do cinema, menos com o set em si. Meu empenho aqui era quebrar com as ditas convenções do cinema alemão, de narrativas frias e afetivamente distanciadas, e fazer um filme empático, acolhedor, capaz de mostrar que a antessala de espera pela morte pode ter situações divertidas”, disse o cineasta, que fala com bom humor dos critérios da escalação de Eidinger. “Eu não o conhecia antes, mas gostei do modo com que ele se expressa em entrevistas, do que fala. Fora isso, quando a gente se conheceu, percebi que ele não é daquelas pessoas que cultuam um otimismo tolo. Não se levanta comemorando a vida. Assim como eu, ele fala: ‘Oh! Mais um dia pela frente’. Filmamos coisas muito malucas, a partir dessa conexão. Algumas, mais barra pesada, não entraram na versão exibida na Berlinale, mas vão para a versão para a TV, em forma de minissérie, com uma hora a mais, que eu estou preparando”.

Conhecido por filmes (“O Desejo Liberado”) e séries como “Das Boot”, Glasner começou sua carreira em 1987, em busca de tramas que escapem do moralismo.

“Hoje ninguém mais parece ter coragem de fazer filmes sobre adultos, para adultos”, disse o cineasta. “Eu liguei duas câmeras, deixei minhas atrizes e meus atores de ‘Dying’ criarem com liberdade e, às vezes, a verdade aparecia num take único. Tive ainda a alegria de poder deixar cinco minutos de música clássica, sem cortes, na tela”.

## ENTREVISTA / GEORGE MOURA, ROTEIRISTA

Leo Aversa/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**L**á se vão dez anos desde o pernambucano George Moura tomou a TV brasileira de assalto com a surpreendente virada de roteiro de “Amores Roubados”, ao mesmo tempo em que repaginou um clássico da telinha, “O Rebu”, também de 2014, com sua escrita fina, entre a sociologia e a poesia. Mais e melhores surpresas aguardam a teledramaturgia, começando pelo Globoplay, com a estreia de seu novo projeto (sempre em parceria com Sergio Goldenberg), “Guerreiros do Sol”, um exemplar do filão Nordeste – um termo que designa faroestes no cangaço, capazes de transbordar as cartilhas do gênero. A série vai ser lançada em abril.

Fala-se de desajuste social em sua trama, e de justiça, mas há o amor... sempre há. Só é cedo para saber se um dos temas centrais da obra de Moura, a força da maternidade, aparece nesse seu sertão ardido de pólvora. O assunto bate ponto firme na mais recente incursão dele no cinema, “As Polacas”, que chega ao circuito no dia 12, sob a direção de João Jardim, com quem o roteirista nasceu no Recife, em 1963, trabalhou antes em “Getúlio” (2014). Seu novo longa-metragem se passa no Rio de 1917. Nessa data, fugindo da perseguição aos judeus, dos horrores da I Guerra e da fome na Europa, a polonesa Rebeca (Valentina Herszage) chega ao Brasil para reencontrar o marido e iniciar uma nova vida. Ao contrário das promessas de felicidade, a realidade que vai encontrar no Brasil é de submissão. Ela descobre que seu companheiro morreu e acaba refém de uma rede de prostituição e tráfico de mulheres, chefiada por Tzvi (Caco Ciocler). Mesmo tendo que transgredir com suas próprias crenças, Rebeca encontra aliadas. A vivência das angústias de ser mãe é parte desse universo.

Na entrevista a seguir, Moura – que se graduou em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e fez mestrado em Artes Cênicas na USP – analisa os traços identitários de sua trajetória na arte, pontuada por sucessos como “Onde Nascem Os Fortes” (2018), “O Canto da Sereia” (2013) e “Linha de Passe” (2008).

**Você tem parceiros fiéis nas múltiplas mídias para as quais escreve, como José Luiz Villamarim, Sergio Goldenberg e Walter Carvalho. João Jardim também parece fazer parte desse rol. O que a experiência documental dele transparece na**



# ‘Mãe é tudo’

**maneira como Jardim opera seus roteiros, como se viu em “Getúlio” e como se vê agora em “As Polacas”?**

**George Moura:** De fato, sou um homem de casamentos artísticos monogâmicos, só que são alguns casamentos que se sucedem e são movidos pelas afinidades eletivas. Com João Jardim, o primeiro dado tem relação direta com as escolhas temáticas, sempre muito ligada aos fatos da realidade. Foi assim em “Getúlio” e é agora também “As Polacas”. Ou-

tro dado não menos importante é a maneira sensível com que ele conduz a realidade em direção à poesia, mesmo que essa transposição, às vezes, seja brutal. É sempre um prazer a parceria com João Jardim porque ele tem a habilidade de conciliar a âncora da realidade com as asas da imaginação. É como se a narrativa estivesse sempre se equilibrando entre a terra e o céu que nos protege.

**Sua dramaturgia (na TV, mas também**

**na telona, vide “Linha de Passe”) é lotada de mães. O que a figura materna simboliza para a cruzada feminina de resiliência de “As Polacas”?**

A mãe é tudo, e a força simbólica e real que elas contêm são matéria infinita para a dramaturgia. A Rebeca de Valentina Herszage é um vulcão silenciosa que emerge no curso da história do filme em direção à libertação. E um dos aspectos de sua força motriz é a maternidade; ela precisa e quer salvar o filho. Como homem e roteirista tenho fascínio pelas mulheres e em especial pela coragem e tenacidade, sem alarde, que elas têm.

**O quanto do seu Nordeste se faz presente em “Guerreiros do Sol”?**

A série original do Globoplay, “Guerreiros do Sol”, que conta a história de amor do casal de cangaceiros Rosa e Josué, em meio a uma guerra, é o meu Nordeste mais profundo e fascinante, que é o Sertão. É uma saga livremente inspirada na vida de vários casais de cangaceiros, entre eles, Lampião e Maria Bonita. E a guerra se passa nos anos 1920 e 30, que é a guerra de formação do Brasil moderno, onde, na ausência do Estado, a lei que vale não é a escrita no papel e, sim, a lei do mais forte.

**O que o cangaço simboliza para um ideal brasileiro de reação sociológica à opressão?**

O cangaço é um universo para o cinema brasileiro, assim como é o Velho Oeste para o cinema norte-americano e os samurais para o cinema oriental. São arquétipos, hora tratados como heróis, hora tratados como foras da lei. Em “Guerreiros do Sol”, o cangaço é retratado não exatamente como ele foi, mas também como ele poderia ter sido. Há uma dose de fabulação na história. Dentro dessa fabulação, o bando de cangaceiros é tratado como um espaço de busca de libertação da opressão do Estado, da polícia e do poder dos coronéis. Não há, contudo, uma simplificação para tornar herói ou vilão o cangaceiro. O que existe é um retrato que revela as ambiguidades das relações deles com os vários poderes da sociedade.

**Qual foi o primeiro produto televisivo que te fagou e te encheu de amores pela televisão?**

Tenho uma memória de ter ficado fascinado pela novela “Estúpido Cupido”, da Globo, mas o que me levou para o audiovisual foi o cinema alemão, sobretudo o de Werner Herzog.

Sucesso de público e crítica na Europa, Arnaud Desplechin recebe prêmio honorário na Itália, no Festival Laceno D'Oro, por seu histórico autoral com o folhetim

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**S**inceridade é a matéria que sustenta os personagens do diretor francês Arnaud Desplechin, vide sucessos como “Os Fantasmas de Ismael”, atração de abertura do Festival de Cannes de 2017, hoje no ar no streaming Reserva Imovision e na MUBI. Sincero é seu olhar sobre a arte, sintetizado num desabafo ao Correio da Manhã: “Adoro chorar”.

É com essa frase que ele justifica seu encanto por histórias de amor descabeladas que filma de um jeito peculiar: é sempre palavroso, faz evasões ultrarromânticas no tempo, mas é cauteloso para jamais elevar o nível de sacarose de suas tramas ao excesso. Seu estilo é classificável na ótica brasileira como “melodrama mauricinho”.

O que o cineasta nascido em Roubaix, há 64 anos, fez de mais potente desde sua estreia, em 1991 (com “La Vie Des Morts”), integra a retrospectiva de sua obra no Festival Laceno d'Oro, em Avelino, na Itália, onde receberá um troféu honorário pelo conjunto de sua carreira. No sábado, ele ministra por lá uma masterclass sobre seu método de dirigir consagrado com sete indicações à Palma de

# O rei do melodrama mauricinho

Gari Garaialde/SSIFF



O Festival Laceno d'Oro, na Itália, consagra Arnaud Desplechin com troféu honorário

## O Oscar do Velho Mundo

Enquanto Arnaud Desplechin estiver recebendo sua honraria no Laceno d'Oro, outro território daquele mesmo continente, a cidade de Lucerna, na Suíça, estará sediando a entrega anual do European Film Awards, espécie de Oscar do Velho Mundo.

Curiosamente, os longas com mais indicações são ambientados em países da América do Norte: “O Quarto Ao Lado”, do espanhol Pedro Almodóvar, e “Emilia Pérez”, do francês Jacques Audiard. Ambos têm quatro indicações cada, compartilhando favoritismo sobretudo na categoria Melhor Atriz.

A estrela de Audiard é a espanhola Karla Sofia Gascón e a diva da vez de Almodóvar é a inglesa Tilda Swinton. Badaladíssimo em terras hollywoodianas no momento, o thriller iraniano “The Seed of the Sacred Fig”, de Mohammad Rasoulof, entrou no páreo por



Divulgação

Karla Sofia Gascón abre um debate sobre a cultura trans em ‘Emilia Pérez’

ser coproduzido pela Alemanha, onde seu realizador se encontra exilado. Entre os candidatos à láurea de Melhor Ator, o britânico Ralph Fiennes dispara como favorito por “Conclave”, no papel de um cardeal que conduz a eleição pelo próximo Papa. Seu maior rival é o 007 Daniel Craig, em luminosa atuação em “Queer”, como um imigrante americano gay em curso por terras latinas. (R. F.)

Ouro, uma láurea de melhor documentário em Veneza (dada a “L’Aimée”, em 2007) e o Prêmio SACD da Quinzena de Cannes, confiado em à sua obra-prima, “Três Lembranças Da Minha Juventude” (2015).

“Não sigo hipóteses, sigo desejos, por isso a base de um bom melodrama é: a) a certeza de que não existem respostas para a dor; e b) a busca por uma trilha de descarrego para o ódio que ronda os protagonistas. Aprendi isso na telona. O que faz de mim um típico cinéfilo francês é o amor que tenho pelo cinema americano. Foi com Hollywood que aprendemos a amar o cinema sobre todas as coisas e criar o nosso modo de rever o que eles mostram em seus filmes mais autorais”, disse Desplechin ao Correio no Fórum Rendez-Vous Avec Le Cinéma Français, em Paris. “Talvez eu tenha o meu jeito de filmar, mas o que sei conscientemente dele é o fato de ver cada ator ou atriz como uma incógnita a ser desbravada, pois cada estrela me abre uma pergunta. Por exemplo, Marion Cotillard, com quem filmei ‘Briga Entre Irmãos’ há pouco tempo, tem uma capacidade única de humanizar tragédias”.

Experiência rara de Desplechin em língua inglesa, “Terapia Intensiva” (“Jimmy P.”, 2013), com Benicio Del Toro, pode ser vista hoje pela cinefilia brasileira na Amazon Prime. O longa faz parte da mostra em sua homenagem em Avelino, que projeta ainda seu título mais recente, o ensaio meio documental meio ficcional “Spectateurs!”, sobre a cultura das salas de exibição.

“É o meu momento Fellini, meu ‘Amarcord’ de memórias”, diz Desplechin. “A tela torna a minha vida maior”.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**erca de sete meses depois de sua carreira em circuito, “Guerra Civil” (“Civil War”), uma das mais rentáveis expressões do cinema independente americano em 2024, responsável por ampliar o prestígio do ator baiano Wagner Moura no exterior, busca espaço, via streaming, para brigar pelos prêmios da Oscar Season - a temporada de premiações que antecede a entrega da estatueta dourada de Hollywood e a produção dirigida pelo escritor Alex Garland pode entrar de sola nela e papar troféus. O Globo de Ouro está em seu radar.

Sua bilheteria global de US\$ 126 milhões impressionou exibidores, visto que seu tema rascante (um conflito político nos EUA), aliado a uma narrativa sem concessões a fórmulas mercadológicas, não costuma (mais) levar multidões às salas. Só no Brasil o longa teve 952.253 ingressos vendidos. Hoje, quem for assinante da Max (ex-HBO), assiste (ou revê) o filme online.

Pingando sangue ao retratar uma América fraturada, “Guerra Civil” oferece ao intérprete do Capitão Nascimento um de seus papéis principais: o ambicioso jornalista Joel. O repórter cruza os EUA tentando entrevistar o presidente num amanhã distópico.

Desencanado da obrigação de contextualizar a plateia acerca do episódio sintetizado no título, o thriller assume que há um racha nos Estados Unidos, mas não explica hora alguma o que levou aquele país ao colapso. Não se sabe quem guerreia contra quem e o presidente, um esboço de Trump vivido por Nick Offerman, também não elucida dúvidas, preferindo bradar ódio, anunciando uma retaliação que não chega. Tem pessoas armadas em lados opostos das ruas, em barricadas. O motivo é um enigma, mas há uma secessão. É uma distopia e não sobra espaço para um fiapo sequer de fantasia.

Cada sequência carrega um realismo áspero, algo comum nos filmes de Garland, um diretor autor que fez fama na literatura ao lançar “A Praia”, filmado em 2000 por Leonardo DiCaprio. “Men” (2022) e “Ex-Machina” (2015) são tratados de sua descrença (aparente) na capacidade humana de superar delitos e vaidades. Não por acaso, o time de protagonistas, uma esquadra de jornalistas, passa a léguas do heroísmo, apesar de rasgos de coragem na luta pela sobrevivência.

São repórteres de diferentes graus de experiência, sendo a fotojornalista Lee (Kristen Dunst) a que mais tem vivência in loco em zonas de conflito. É uma figura amarga, que



*O papel do ambicioso repórter Joel em ‘Guerra Civil’ já pode ser considerado um dos trabalhos mais marcantes de Wagner Moura dentro e fora do Brasil*

# Os arames farpados chegaram à Max

Surpresa de bilheteria para os padrões dos filmes ‘indies’, ‘Guerra Civil’ aporta no streaming com fome de prêmios, ampliando a popularidade internacional de Wagner Moura

não cuida de sua aparência e de sua saúde, devotada à ideia de registrar a brutalidade dos combates que ceifam vidas. Seu esteio é sábio produtor de reportagem, Sammy, vivido por um inspirado Stephen McKinley Henderson, responsável pela sequência mais catártica do longa. Há uma fotógrafa ainda iniciante, Jesse (Cailee Spaeny). Por fim, há ainda o abutre, aquele profissional obcecado pela notícia a qualquer custo, que se jubila ao ver brutalidades, por saber que ali há um furo: Joel, figura controversa que Wagner é capaz de humani-

zar. É um dos trabalhos de maior pujança do ator baiano, fora e dentro do Brasil.

Esse quatro flanam por uma pátria em chamas buscando registros para o hoje e o amanhã, sem amarras de marketing e sem vetores comerciais que os controlem. A causa deles: ter um fato que figure nas manchetes, ainda que impresso a segue. A montagem do filme eletriza do começo ao fim, sobretudo na breve, mas perturbadora sequência com Jesse Plemons (o companheiro de Kristen na vida real) de bolsominion, com óculos berrantes.

Além de “Guerra Civil”, Wagner hoje ocupa a streaminguesfera em múltiplas latitudes, a começar por sua incursão no posto de cineasta: “Marighella”. Lançado na Berlinale, em 2019, o filme estreou em 2021, depois de passar por mil pressões no governo Bolsonaro, e virou um sucesso de público e crítica em meio à pandemia. É possível vê-lo no Globoplay, onde mais sucessos de Wagner estão disponíveis, como “Tropa de Elite” (Urso de Ouro de 2008) e o hilário “Saneamento Básico” (2007), de Jorge Furtado. Ainda no streaming da Globo está “Praia do Futuro” (2014), que concorreu ao Urso de Ouro do Festival de Berlim há dez anos. Sob a direção de Karim Aïnouz, Wagner encarna um salva-vidas do Ceará que larga tudo e parte para Berlim para viver um grande amor.

É possível conferir esse drama de Karim ainda na Amazon Prime, que traz outro marco da filmografia do astro: “O Caminho das Nuvens”, dirigido por Vicente Amorim há 21 anos. É a saga de uma família que sai do Nordeste e vem para o Rio de bicicleta. Naquele mesmo ano, 2003, Wagner brilhou em “Deus É Brasileiro”, de Cacá Diegues no qual ele vive o malandro Taoca, que vira guia do Todo-Poderoso (Antonio Fagundes) em sua passagem pela Terra.

Globoplay e Netflix trazem Wagner no elenco central de “Cidade Baixa”, que conquistou o troféu Redentor de Melhor Filme na Première Brasil do Festival do Rio em 2005. Na ocasião, Alice Braga ganhou o troféu de Melhor Atriz, estrelando um triângulo amoroso no submundo da Bahia, onde ela vive uma garota de programa disputada por dois amigos. A produção conquistou ainda o Prêmio da Juventude em Cannes.

Ainda na Netflix, mata-se ainda a saudade de Wagner em “Carandiru” (2003), fenômeno de público de Hector Babenco (1946-2016), indicado à Palma de Ouro. Lá também é possível ver Moura em “A Busca”, prêmio de júri popular no Festival do Rio de 2012; “Wasp Network: Rede de Espiões” (2019), de Olivier Assayas; e “Sergio” (2020), de Greg Barker.

CRÍTICA / LIVROS

# Sugestões para um Natal literário

Fotos/Divulgação

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

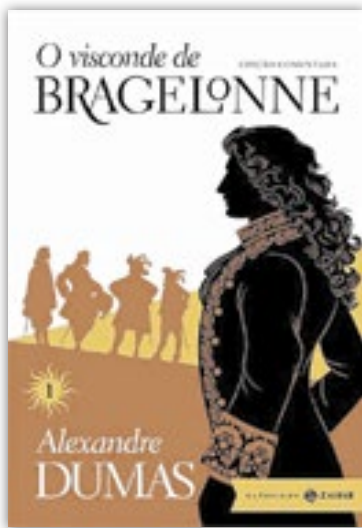
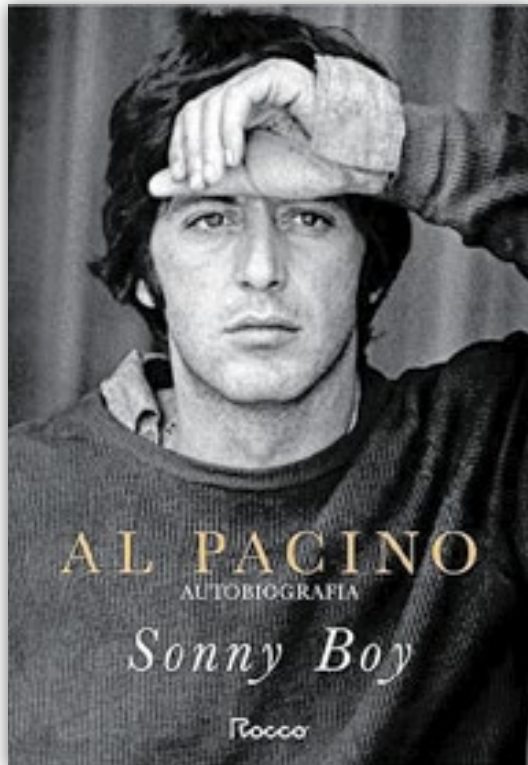
**D**ezembro, o mês que começa de costas, está aí. Com ele vêm os múltiplos festejos de fim de ano, do amigo-oculto da firma à ceia com a família. Reuniões em que a camaradagem disputa espaço com a tensão. Na tentativa de assegurar momentos de alegria, acerta quem presenteia livros, buscando o título ideal para cada leitor. Algumas sugestões vão aqui.

Sonny Boy (Rocco, R\$ 62), a autobiografia do ator Al Pacino é uma agradável surpresa, embora pouco fale do star system. Um dos maiores astros do cinema norte-americano, o nova-iorquino Alfredo James Pacino, cuja grande virada na carreira vem com sua interpretação do mafioso Michael Corleone em O poderoso chefão.

Sonny – nome pelo qual é conhecido o mais velho dos Corleone, interpretado por James Caan – era o apelido do menino Alfredo, criado no Bronx, cujo avô nasceu na cidade de Corleone, na Sicília. Apesar das coincidências, Pacino hesitou em aceitar o papel que repetiu em mais dois filmes.

As recordações do ator se misturam às experiências em família, à infância e à juventude, como se fosse uma conversa, sem grande apreço pela ordem cronológica, com lembranças saudosas dos amigos da vida anterior ao cinema, e discretos relatos sobre romances com diversas atrizes conhecidíssimas, entre elas Diane Keaton, Jill Clayburgh e Beverly D'Angelo.

Um animal selvagem (Intrín-



seca, R\$ 71), do suíço Joël Dicker, segue a fórmula mais em voga entre os thrillers da atualidade: idas e voltas no tempo, revelações que desmontam certezas nutridas pelos personagens, e, quem sabe, uma conclusão surpreendente. Na introdução, sabemos que um assalto em grande joalheria em Genebra “deu o que falar”. No

entanto, até chegar ao assalto, o leitor se perde em uma trama que envolve dois casais vizinhos, moradores de um condomínio de classe média alta. A família perfeita de comercial de margarina é composta por um casal bonito e rico, que moram perto do policial casado com uma vendedora de loja, que adquiriram a casa mais

barata do conjunto residencial, e levam a vida se desvencilhando de problemas financeiros. Com pitadas de mistério bem dosadas e alguma crítica social, um suspense razoável para abrir a temporada de férias.

O visconde de Bragelonne (Zahar, R\$ 116), de Alexandre Dumas, traz mais aventuras de Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan, trinta anos depois da conclusão de Os três mosqueteiros – que teve a primeira continuação com Vinte anos depois. A edição caprichada da coleção Clássicos Zahar é comentada, mas não traz ilustrações e é apenas a primeira de três volumes que somam em torno de 2.500 páginas, publicados em capítulos diários, entre 1847 e 1850, no jornal Le Siècle. No primeiro livro, os mosqueteiros envelheceram e seguem percursos distintos, três deles ambicionando, no

entanto, o crescimento em suas carreiras. D'Artagnan, agora capitão, quer virar marechal; Aramis, um bispo, está para ser nomeado cardeal, enquanto sonha com o papado; Porthos, que obteve o título de barão, pretende a promoção como duque. Athos é um fidalgo aposentado. Quem pretende mergulhar no episódio mais conhecido dessa série, do Homem da Máscara de Ferro, terá que aguardar. Só no terceiro livro surge o personagem, inspirado pela história real de Eustache Dager, um prisioneiro da Bastilha, que Dumas transformou no irmão gêmeo do rei Luís XIV. Não é o único filho renegado dessa saga. Raoul, o Visconde, é filho bastardo de Athos. Para alguns especialistas, o personagem retrataria o também romancista Alexandre Dumas Filho, que o pai demorou a reconhecer. Uma leitura de fôlego e saborosíssima.

# O pão do Natal

Confira um roteiro com diferentes receitas de panetones

Divulgação



Dom Casero



Diana Bakery

Por **Natasha Sobrinho** (@restaurants\_to\_love) Especial para o Correio da Manhã

O panetone é uma das iguarias mais tradicionais das festas de Natal no Brasil e em diversas partes do mundo. Originalmente, este pão doce de origem italiana é caracterizado pela sua massa fofa, que leva frutas cristalizadas, passas e uma leve fragrância de baunilha. Ao longo dos anos, o panetone ganhou diversas versões e variações, adaptando-se aos gostos e preferências de diferentes públicos. Veja abaixo um roteiro com receitas que vão desde as tradicionais, passando por opções recheadas, veganas e até com sorvete:

Divulgação



Dark Coffee

Divulgação



Gelateria Piemonte

Divulgação



Cris Chabassus Confeitaria

Diana Cabral/Divulgação



Grão Artesanal

**CRIS CHABASSUS CONFEITARIA** - Especializada em bolos e tortas funcionais, a confeitaria Cristiana Chabassus preparou um menu especial de Natal. Não poderia faltar o clássico Chocotone (R\$ 140 – 750g), preparado com chocolate 70%, farinha de arroz e demerara, sem glúten e sem lactose e recheado com gotas de chocolate. Pedidos até dia 19/12 pelo (21) 99983-4592.

**DARK COFFEE** – A cafeteria lança mais uma vez sua já conhecida linha de Chocottones com seis sabores, sendo que um vegano. Entre as opções estão: Chocottone de Café (R\$ 100); Chocottone de Pistache (R\$ 100); Ninho e Nutella (R\$ 100); Leite Ninho (R\$ 100) e Chocottone Vegano (R\$ 100). Rua São Bento, 29, Lj A - Edifício Porto Brasilis. Tel: (21) 2516-0370.

**DIANNA BAKERY** – A confeitaria preparou para este Natal dois panetones exclusivos, para deixar a data com um sabor ainda mais especial. O Panetone Floresta Negra (R\$ 96) traz recheio de chocolate meio amargo e cereja marraschino, tudo em uma massa artesanal “au levain”, feita com farinha italiana. Já o Panetone Doce de Leite (R\$ 96) combina a suavidade do doce de leite mineiro com laranja cristalizada, envoltos na mesma massa artesanal. As encomendas podem ser feitas até dia 19 de

dezembro. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

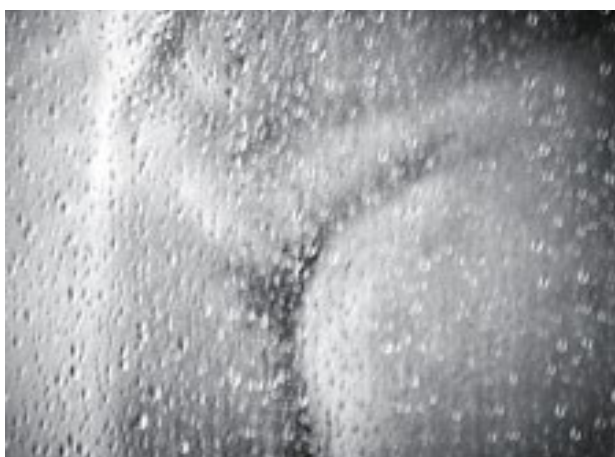
**DOM CASERO** – A casa apresenta panetones personalizados em cinco versões, oferecidos em latas elegantes. Destaque para o Panetone Trufado (R\$ 169,90 - 1kg), recheado com nozes, doce de leite e chocolate belga e o Panetone Especial (R\$ 129,90 - 700g) recheado com goiabada. Av. das Américas, 3900 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 97154-8561.

**GELATERIA PIEMONTE** - Italianíssima em sua essência, a gelateria acaba de lançar um panetone com os sabores da Sicília (R\$ 135 – 165g). Ele leva laranja, com gotas de chocolate, coberto com pistache, com opção de recheio de gelato (a partir de R\$ 20). Rua Farne de Amoedo, 43 – Ipanema. Tel: (21) 96761-2559.

**GRÃO ARTESANAL** – O grande destaque do cardápio de Natal da padaria são os panetones feitos com 100% de fermentação natural. Entre as opções estão: o Clássico (R\$ 99 | 600g), com gotas de chocolates 50%; o Panetone de frutas selecionadas (R\$ 99 | 600g), com damasco, passas, casca de laranja cristalizada, embebidas em calda de rum e cointreau; os trufados de Pistache (R\$ 145 | 850g) e Chocolate (R\$ 115 | 850g) e o de Goiabada (R\$ 115 | 600g). Rua Conde de Bernadotte, 26 - Loja 121 – Leblon. Tel: (21) 2487-3083.



## Abstrato



r além da representação literal da realidade, focando em elementos visuais como formas, texturas técnicas e padrões, usando os primórdios da fotografia, imprimindo as imagens tons de daguerreótipos, traz a sensação de pertencimento e reforça a memória afetiva da primeira Agfa, presenteada por meu pai nos anos 1960, lá no remoto século passado.

Grandes lembranças e o afã de produzir algo que não se encaixasse na estética praticada com enquadramento e poses convencionais permeavam minha mente e minha inquietude me levava à 'zoomadas' e fotos tremidas propositalmente.

Uma festa que não era comemorada pelos laboratoristas que simplesmente achavam que eu havia 'estragado' o filme. Consideravam absolutamente rocambolesca aquela estética que tanto me trazia felicidade.

Fiz dessa crítica constante trampolim para procurar saídas para parar de ouvir a ladainha de sempre: "Que fotos estranhas"; "Isso não é fotografia"; "Você tem muito que aprender"; "Para de gastar dinheiro com essas bobagens"...



O primeiro incentivo e a saída imediata veio do genial Chiquito Chaves e sua inseparável boina à la Guevara, fotógrafo magnífico d'O Globo, que me cedeu seu espaço laboratorial em Santa Teresa, na rua Paula Matos, "com a condição de que levasse meu papel" e ali surgiram minhas primeiras experiências 'profissas' no famoso formato 18x24.

O preto e branco, nesse contexto, fortalece a tensão entre o real e o imaginário, tornando o impossível mais palpável e o abstratismo fica ainda mais fascinante. Além disso, o surrealismo fotográfico, muitas vezes, explora temas como o medo, a solidão, a alienação e a busca pelo significado da vida e oferece uma abordagem mais intimista ao foto-e(s)pectador.

Essa arte-técnica não busca oferecer respostas fáceis ou definitivas, mas sim provocar perguntas, explorar o desconhecido e abrir portas para o mistério da psique humana, oferecendo um olhar íntimo entre o fascínio, o inconsciente e o absurdo, utilizando as sombras e a luz para criar cenas que transcendem a realidade cotidiana. A ausência de cor, longe de ser uma limitação, é uma ferramenta que fortalece o caráter atemporal e simbólico dessas imagens.

Elas vêm me acompanhando desde sempre numa estética subjetiva e absolutamente intuitiva gravada em minha mente desde os primórdios na revelação de meu primeiro 35 mm.

Afetividade visceral.



# Malulengo a 24 quadros

Filme conta a influência do teatro de bonecos na cultura do Distrito Federal

Por Mayariane Castro

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, uma manifestação cultural brasileira considerada patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), será retratado em um longa-metragem que mescla documentário e ficção. As gravações do filme começaram recentemente e ocorrerão em várias localidades, incluindo Brasília, Goiás e Pernambuco. A produção busca explorar a importância desta arte popular para a construção da identidade cultural no Distrito Federal, região que abriga um grande número de mamulengueiros fora do Nordeste.

A produção do filme é um esforço de preservação cultural promovido pela Cinese Audio-



Divulgação

*Mamulengo enraizou-se na cultura brasileira*

## Teatro nascido nas senzalas

Bonecos surgiram como forma de manifestação dos escravos

Mestre Ginu conta que o mamulengo nasceu nas senzalas durante o período da escravidão. O teatro de bonecos surgiu como uma forma de resistência, com os escravizados criando bonecos de madeira para contar histórias sobre liberdade e superação. Ao longo do tempo, os bonecos se tornaram símbolos de reinvenção cultural e deram origem a um teatro popular que atravessou gerações e se espalhou por várias regiões do Brasil.

Hoje, o mamulengo é conhe-

cido por diferentes nomes, como Babau, João Redondo, Calunga e Cassimiro Coco, com adaptações específicas para cada região nordestina. No Distrito Federal, a tradição do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste se enraizou especialmente com a migração de nordestinos para a região durante a construção de Brasília, estabelecendo uma relação profunda com a identidade cultural local. O cineasta e diretor do filme, LeoMon, destaca que o mamulengo carrega as histórias



Divulgação

*Filme mistura ficção e documentário*

de resistência e reinvenção de um povo e pretende, com o longa, além de preservar a tradição, abordar questões sociais, raciais e de gênero. “O mamulengo nos lembra que a cultura é um espaço de luta e transformação”, afirmou o diretor.

Maldição?

No contexto do filme, a palavra “maldição” não tem co-

notação negativa, mas sim um significado de encantamento inquebrável. O termo é inspirado no hebraico “arar”, que significa “prender por encantamento”. A “maldição”, conforme relatado pelos mestres bonequeiros, reflete a dedicação de quem entra no mundo do mamulengo. Esses mestres afirmam que, ao serem “batizados” na arte, dedicam

visual, que há mais de uma década apoia os agentes do mamulengo. Para a Produtora Executiva do projeto, Alice Lira, o filme vai além do entretenimento. “Queremos fortalecer a cultura do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste e garantir que esse patrimônio continue inspirando as gerações de hoje e de amanhã”, afirmou Lira, ressaltando o compromisso da produção com a valorização e continuidade dessa manifestação cultural.

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste tem suas origens em influências de diversas culturas, incluindo a grega, chinesa e portuguesa. Porém, o mito fundador da arte, presente nas narrativas dos brincantes, possui raízes afro-brasileiras, segundo o bonequeiro pernambucano Mestre Ginu.

suas vidas a ela. Mesmo aqueles que tentaram se afastar do teatro de bonecos afirmam que a arte sempre os chama de volta, como se fosse uma força sobrenatural que mantém os praticantes ligados à tradição.

O longa-metragem é um projeto contemplado pelo Edital N° 21/2023 - Audiovisual da Lei Federal Paulo Gustavo. A produção é uma realização coletiva, com a Cinese Audiovisual como produtora principal, em parceria com a Candiá Produções e a Aicon Ações Cinematográficas, além do apoio da Associação Fuzuê de Arte e Cultura e da Locadora Posh. Sob a direção de LeoMon, cineasta experiente na exploração de manifestações culturais brasileiras, o filme conta com uma equipe de profissionais qualificados comprometidos com a valorização da cultura popular, com pesquisa do brincante Thiago Francisco, do Mamulengo Fuzuê.

**SHOW****Silva faz show de inéditas**

\*Até dia 14 de dezembro, Brasília é palco de uma série de encontros entre artistas consagrados no país e no exterior. O convidado da vez é o cantor e compositor Silva, que promete uma noite repleta de emoções e sonoridades diversas, celebrando a essência da nova MPB. A abertura da noite ficará por conta de Anelis Assumpção, com seu show "SAL", repleto de temas profundos e existenciais. Acontece no sábado (7), no Centro de Convenções Ulysses, com ingressos a partir de R\$80,00.

**Zisfonia Diferente**

\*O Centro Cultural Banco do Brasil apresenta o Zisfonia Diferente, espetáculo cênico-musical inédito e inclusivo, preparado para receber todas as famílias. Todos, plateia e palco, fazem parte desse momento que tem como maior valor a infância com respeito, acessibilidade, amizade e muita alegria e diversão. A programação será apresentada no Teatro do CCBB nos dias 14 e 15 de dezembro, sempre às 16h. A entrada é franca.

**Renato Vasconcellos e sexteto**

\*Um dos mais importantes nomes da cultura em Brasília, o pianista Renato Vasconcellos está completando 50 anos de chegada à capital do país e escolheu o palco do CTJ Hall como espaço para comemorar a data. Para isso ele fará uma apresentação gratuita e aberta à comunidade, do Renato Vasconcellos Sexteto. Será nesta sexta-feira, pontualmente às 20 horas no espaço que fica na Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul. Os interessados não precisam retirar os ingressos antecipadamente. Basta comparecer.

**Gáida no DF**

\*A cantora Sudanesa-Neerlandesa Gáida passa por Brasília, onde participa de bate-papo na Casa Afro Latina, no Varjão, de graça, e faz show na sexta-feira (6), no projeto Sarau Secreto, com ingressos. A turnê SP-BRÁSILIA-RECIFE conta com o apoio do fundo cultural da Embaixada do Reino dos Países Baixos.

**Cia. de Cantores Líricos**

\*Cia. de Cantores Líricos de Brasília apresenta Oratório de Natal – de Saint-Saëns de graça na Igreja Dom Bosco.



Silva no Festival Estilo Brasil

# Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação/ StudioHZ



Zisfonia Diferente no CCBB

As apresentações deste clássico nos dias 6 e 7 de dezembro, sempre às 20h, no Santuário Dom Bosco (712 Sul). A entrada é franca. Livre para todos os públicos.

**PROJETO****Ateliê de férias no MAB Educativo**

\*Neste mês de dezembro, o programa MAB Educativo realiza o ateliê de férias no Museu de Arte de Brasília. O público poderá soltar a imaginação com as oficinas, além de realizar visitas pelas exposições. Neste final de semana, nos dias 7 e 8, o programa realizara o fim de semana dos jogos. As atividades são dedicadas aos apaixonados por uma aprendizagem brincante. Serão apresentados vários jogos inéditos que foram criados ao longo do Curso de Mediação Cultural.

Nathan Nascimento



Espetáculo "Artesania de Encanto"

Divulgação



Dezembro Vermelho e exposição gratuita

Joel Rodrigues / Agência Brasília



Ateliê de férias no MAB

Informações: @mediato.art.

## TEATRO

### "Artesania de Encanto"

\*Acostumada a realizar espetáculos acompanhada de grandes estruturas de Bambu, a multiartista lançou-se ao desafio de conceber espetáculo solo com o uso de pequenos objetos da mesma matéria-prima. Surgiu então Artesania de Encanto, uma performance de circo e dança que se distingue das anteriores. Com temporada no Espaço Cultural Renato Russo. Entrada franca. Classificação indicativa: livre.

### Espetáculo "Eternos"

\*A fase da adolescência, suas transformações comportamentais, biológicas,

Divulgação



Exposição: traçado Interior: memória gravada

Divulgação



Espetáculo "Eternos" encerra temporada

individuais e sócio-culturais. Em 2015, o dramaturgo Elmo Férrer se baseou nessa fase que envolve desejos, traumas, emoções, dentre tantos outros sentimentos, para criar a peça "Eternos", uma obra da Cia Barril Produções. O espetáculo voltou quase 10 anos depois para debater sobre essa fase essencial da vida em escolas públicas do DF. Após sucesso em apresentações por Brasília, "Eternos" encerra temporada neste sábado, em sessões às 17h e às 20h, no Espaço Jovem de Expressão, na Praça do Cidadão de Ceilândia. Gratuito.

### "Bonitinha, mas Ordinária"

\*A Caixa Cultural Brasília apresenta, de 12 a 22 de dezembro, a peça "Bonitinha, mas Ordinária", de Nelson Rodrigues, com grande elenco e direção de Bruce

Gomlevsky. As sessões acontecem de quinta-feira a sábado, às 20h, e domingo, às 19h. Os ingressos estarão à venda a partir do dia 7 de dezembro no site Bilheteria Cultural.

## EXPOSIÇÃO

### Traçado Interior: memória gravada

\*Uma das principais revelações da gravura brasileira atual, o artista plástico e designer carioca Thiago Modesto expõe suas obras pela primeira vez em Brasília entre 10 de dezembro de 2024 e 6 de fevereiro de 2025, de segunda a sexta-feira (das 9h às 17h), na Galeria Décimo, na Câmara dos Deputados (Anexo 4). A exposição Traçado Interior: memória gravada é composta por 38 gravuras. O acesso é livre. O artista recebe o público na data da abertura, de 18h30 às 21h30, para visitas guiadas e o lançamento do catálogo da exposição.

### Dezembro Vermelho

\*A multiartista Nati Maia realizou, durante todo o ano de 2024, o projeto C.A.P – Calendário Artístico Preventivo. A iniciativa que foi/é realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – FAC/DF visou conscientizar a população por meio de fotos sobre doenças e causas sociais durante todos os dias e meses do ano. Agora, Maia lança o último mês "Dezembro Vermelho", uma alerta à prevenção na luta contra o vírus HIV/Aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis. Acontece no dia 18 de dezembro, no Espaço Cultural Renato Russo.

## CINEMA

### Festival Curta Brasília

\*De 12 a 15 de dezembro, o Distrito Federal se tornará o polo das produções de curta-metragens brasileiros, com a décima segunda edição do Festival Curta Brasília, no Cine Brasília. Realizado anualmente pela Sétima Produções, com o apoio da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, o festival premia os melhores curtas e vídeos produzidos a partir de janeiro de 2023, em duas categorias: Mostra nacional de curtas-metragens e Mostra Decibéis de vídeos. Para mais informações, acesso às redes ou o site do Festival: [www.curtabrasilia.com.br](http://www.curtabrasilia.com.br) e @festcurtabrasilia no Instagram.

# O riso é sagrado e cura!

Projeto oferece formação para palhaços atuarem em hospitais no DF

Por Mayariane Castro

O projeto “Sagrado Riso - O Poder da Palhaçaria na Humanização Hospitalar - 2ª edição” busca dar continuidade a um programa artístico de formação e profissionalização voltado para a atuação de palhaços em hospitais. A iniciativa tem como objetivo a capacitação de 20 artistas para o atendimento a pacientes e profissionais de hospitais públicos no Distrito Federal, promovendo a humanização e o bem-estar por meio da arte da palhaçaria.

A proposta do projeto é realizar uma formação profissional gratuita para os participantes, que será dividida em três etapas: capacitação (52 horas), estágio probatório (32 horas) e profissionaliza-

ção (126 horas). Esta edição visa retomar as atividades suspensas pela pandemia de covid-19, oferecendo uma formação qualificada para os artistas, ao mesmo tempo em que garante a continuidade das ações artísticas em hospitais públicos da capital.

Além da formação, o projeto oferece apresentações artísticas nos hospitais, com foco na humanização do atendimento e no suporte a pacientes e funcionários. A ação inclui recursos de acessibilidade, como intérprete de Libras e a inclusão de artistas com deficiência no grupo de profissionais.

Também está prevista a documentação das atividades, com o objetivo de sensibilizar o público e gestores públicos sobre a importância da arte no contexto hospitalar.

## Programa suspenso na pandemia

Projeto é retomado após o fim da covid-19, com várias atividades

Com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, o projeto “Sagrado Riso” fortalece a relação entre cultura e saúde pública, incentivando o uso da arte como ferramenta de transformação social e melhoria da qualidade de vida dos pacientes. O impacto das ações artísticas nos hospitais vai além do entretenimento, funcionando como um auxílio psicológico para aqueles que enfrentam situações difíceis, como o interna-

mento hospitalar.

O uso da palhaçaria em ambientes hospitalares tem se mostrado eficaz na promoção de bem-estar, tanto para os pacientes quanto para os profissionais da saúde. O Grupo Sagrado Riso, responsável pela realização do projeto, atua no Distrito Federal há 18 anos, desenvolvendo pesquisas sobre o impacto da palhaçaria no campo da saúde. A presença de palhaços capacitados tem mostra-



Projeto ensina a arte da palhaçaria nos hospitais

Divulgação



Além dos hospitais, também atividades nas ruas

Divulgação

do resultados positivos, como a redução do tempo de internação de pacientes e o aumento do conforto e alegria durante o período de tratamento.

### Formação profissional

O projeto não só promove a humanização no atendimento hospitalar, mas também trabalha com a formação profissional de

palhaços, criando indicadores que demonstram os benefícios da arte na saúde pública. O estudo e a aplicação da palhaçaria hospitalar envolvem a aprendizagem de técnicas clássicas e populares do ofício, bem como a adaptação dessas práticas ao ambiente hospitalar, levando em consideração questões de segurança e os protocolos de prevenção de infecção.

A primeira edição do projeto foi realizada entre 2016 e 2018, quando o Grupo Sagrado Riso foi contemplado com o Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do Distrito Federal. Naquela edição, 40 artistas foram formados e realizaram visitas artísticas em quatro hospitais públicos da cidade.

Embora o apoio do FAC tenha sido encerrado em 2018, as atividades continuaram de forma independente até que a pandemia interrompesse as ações em 2020.

Com a retomada das atividades na segunda edição, o projeto visa ampliar a formação de palhaços e a realização de ações artísticas nos hospitais públicos, que já somam mais de 200 horas de visitas artísticas desde o início da primeira edição. O trabalho também se estende para a rua, por meio da ação “Ocupa Clown”, que funciona como uma metodologia de finalização da formação dos artistas.

Silva traz novo  
álbum de inéditas  
para Brasília

PÁGINA 8 E 9



Filme conta força  
do mamulengo  
no Distrito Federal

PÁGINA 5



Projeto propõe  
palhaçaria como  
humanização

PÁGINA 15



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



A estadunidense Alissa Sanders e o mineiro Sérgio Pererê resgatam cantos ancestrais que inspiraram a música que hoje se faz nos EUA e no Brasil

# Vozes da diáspora negra nas Américas

Espectáculo  
'Vissungos e  
Spirituals' mostra  
a conexão entre os  
cantos de africanos  
escravizados no Brasil  
e nos Estados Unidos

As raízes tanto da música brasileira quanto da música norte-americana estão nos cantos de pessoas negras escravizadas que entoaram canções como forma de preservar suas culturas e como potentes mecanismos de sobrevivência e resistência. Inspirados por essa origem musical comum ao Brasil e aos Estados Unidos, Sérgio Pererê e Alissa Sanders conceberam o projeto "Vissungos e

Spirituals: Vozes Ancestrais Negras das Américas", atração do Centro Cultural Banco do Brasil neste fim de semana.

"Vozes Ancestrais" dá nome ao show que celebra um encontro entre os cantos do Vissungo (cantigas em língua africana ouvidas outrora nos serviços de mineração e ainda hoje presentes em diversas situações da vida cotidiana dos habitantes de alguns povoados de Minas Gerais) e dos Reinados de Minas (manifestações culturais e religiosas que celebram a devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia e que também relembram tradições da religiosidade africana), que marcam a trajetória artística e pessoal do cantor e multiartista mineiro Sérgio Pererê, com os spirituals, cantos de trabalho e folclóricos presentes na história dos escravizados negros norte-americanos.

Em ambos os casos, as músicas ecoadas pelos ancestrais de Alissa e Pererê, seja no ciclo do ouro de Minas Gerais ou nas lavouras americanas, carregam um peso afetivo em comum. "Os cantos do vissungo e dos spirituals são o jeito de viver africano. A partir da filosofia Bantu, existe uma herança africana que diz: 'para tudo se canta'. Não é apenas para trabalhar que se canta, se canta para comer, para dormir, para agradecer, para xingar. Para tudo", explica Pererê.

Ao mesmo tempo, as músicas também estão repletas de códigos de sobrevivência, usados como estratégia de fuga e proteção do povo negro. "Os negros e negras escravizados foram obrigados a aprender a Bíblia. E tiraram das histórias do povo israelita muitas coincidências com as suas histórias. Há cantos sobre a abertura do Mar Vermelho por Moisés, que é uma referência para fugir. Há canções que mencionam um lugar seguro com luz na janela, e era um código que indicava que essas casas abrigavam pessoas em fuga", revela Alissa.

Continua na página seguinte